

Seminário FESPSP 2017 – Incertezas do trabalho

02 a 05 de outubro de 2017.

GT 1: Antropologia Urbana

Bairro da Liberdade: cultura como parque temático.

Flávio Daiji Kishigami – USP

Resumo

A atividade turística bem planejada, organizada e executada tem a capacidade de gerar empregos e renda, por envolver inúmeros setores da economia, no entanto, essa perspectiva econômica não contempla os impactos na sociedade – na sua cultura e no seu psicológico – que recebe essa demanda.

A Liberdade é uma referência turística na cidade de São Paulo por possuir um atrativo étnico, da cultura asiática, trazendo semanalmente milhares de turistas e visitantes – sendo esse número ainda maior nos domingos e nas datas festivas relacionadas à cultura asiática – amplamente divulgado pelas revistas e sites especializados, mas sem considerar a população local.

O ESPAÇO TURÍSTICO E SUAS ESPECIFICIDADES

Pós Segunda Guerra Mundial, concomitantemente com o desenvolvimento da Globalização, a atividade turística apresentou um vertiginoso crescimento em todo o planeta; é bastante utilizado como instrumento de discurso político, pois é apontado como um grande condutor de desenvolvimento social e econômico. De fato, a atividade turística bem planejada e executada tem a capacidade de gerar inúmeros empregos e rendas, pois abrange numerosos setores econômicos como a construção civil, a hotelaria, restaurantes, transporte, cultura, lazer, compras, parques temáticos, entre outros.

O turismo é, incontestavelmente, um fenômeno econômico, político, social e cultural dos mais expressivos das sociedades ditas pós-

industriais. Movimenta, em nível mundial, um enorme volume de pessoas e capital, inscrevendo-se materialmente de forma cada vez mais significativa ao criar e recriar espaços diversificados (RODRIGUES, 1999, p.17)

A atividade do turismo coexiste simultaneamente com outros usos e apropriações contemporâneas do espaço, pois também está inserida no processo de reprodução da acumulação do capital, no entanto, sua especificidade reside na sua própria natureza, que segundo Cruz (2001) “[...] o turismo é a única prática social que consome elementarmente espaço”, pois se apropria dos espaços naturais, das formações espaciais pré-capitalistas – os monumentos e cidades históricas e sítios arqueológicos – como dos espaços resultantes da lógica da produção (áreas centrais, transportes, comércio, etc).

O turismo, tal como outras atividades – e concorrendo com elas – introduz no espaço objetos definidos pela possibilidade de permitir o desenvolvimento da atividade. Além disso, objetos preexistentes em dado espaço podem ser igualmente absorvidos pelo e para o turismo, tendo seu significado alterado para atender a uma nova demanda de uso, a demanda de uso turístico. (CRUZ, 2001, p.12)

Isoladamente ou em conjunto com os demais elementos que compõem o espaço geográfico, o turismo produz um território bem delimitado, visível e com características muito particulares que se impõem com grande força em diversas partes do mundo.

PROCESSO DE “NIPONIZAÇÃO” DO BAIRRO

O bairro da Liberdade é conhecido atualmente como o bairro oriental de São Paulo, foi concebido em 1969 por Randolfo Marques Lobato, jornalista e presidente de uma comissão de orientais (japoneses, chineses, coreanos e vietnamitas) radicados ou que se estabeleceram no bairro da Liberdade. A sua inspiração foram os bairros chineses das cidades estadunidenses como Nova Iorque e São Francisco, conhecidos como “China Town” e assim como ocorria

nesses lugares, a ideia era transformar a Liberdade em atração turística tirando o proveito natural do bairro de se tornar um núcleo oriental.

O bairro reestruturado foi entregue ao domínio público em agosto de 1973 na gestão do então prefeito Figueiredo Ferraz, que prometeu também à Colônia Nipônica a atuação da Secretaria de Turismo Municipal para incentivar os lojistas a implementar o plano paisagístico para efetivar a Liberdade como um bairro oriental. Através desse plano, as luminárias comuns à vapor de mercúrio foram substituídas por lanternas no estilo oriental o “tiotin” (figura 1), além da construção de um toori – uma estrutura típica da tradição xintoísta que representa a entrada de um santuário ou entrada de um local considerado sagrado – na Rua Galvão Bueno (figura 2). Além disso, Randolpho Marques Lobato previa jardins a serem elaborados no bairro, que na época carecia de áreas verdes, que seriam construídos em áreas de prédios públicos. Estes jardins, segundo o planejamento, teriam um pequeno largo com ponte de madeira envernizada – o “nashi” – caminhos de pedra e vegetação com combinassem com o paisagismo japonês, como é caso do Largo da Pólvora (figura 3).

Figura 1 – As lanternas japonesas ou “tiotins” localizadas na Rua Galvão Bueno.



Disponível em: <<http://akihostel.com/bairro-da-liberdade/>> Acesso em set. 2017.

Figura 2 – Toori na Rua Galvão Bueno.



Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/urielbaessodoprado/14173269267>> Acesso em set. 2017.

Figura 3 – Largo da Pólvora com paisagismo japonês e o “nashi” à esquerda.



Disponível em: <<http://www.minube.com.br/sitio-preferido/largo-da-polvora-a3626927>> Acesso em set. 2017.

A LIBERDADE COMO ESPAÇO DO TURÍSTICO ÉTNICO

O resultado desse processo histórico de imigração e ocupação japonesa em conjunto com a ação da prefeitura que transformou a paisagem do bairro, a Liberdade hoje se consagrou nacional e também internacionalmente como a maior colônia de japoneses e descendentes fora do Japão e é uma forte referência de visita na cidade de São Paulo. Existem inúmeros sites, vídeos no youtube e publicações impressas direcionadas aos turistas que dão indicações e informações sobre o bairro, além de recomendações sobre atrações turísticas, locais para compras, restaurantes e o calendário contendo os eventos do bairro.

Figura 4 – No site da Secretaria de turismo do município de São Paulo há uma indicação de passeio pelo bairro da Liberdade na quarta-feira:

Quarta - Bairro da Liberdade
Atualizado em 01 de 14
Autor: Lílian Nasser

- Café da manhã: Bakery Itriki
Na Rua dos Estudantes, fica a Bakery Itriki, com vários produtos exóticos. Não perca o delicioso suco de pobô, uma tradicional bebida de Taiwan feita com o pobô, a "perola negra" chinesa. O ingrediente é à base de amido de mandioca, feito em um processo parecido ao do agu. Para o suco, ele é misturado a outros sabores, como chá verde, chá preto, inhame, frutas tropicais, morango e melão. Outra guarnição local é o "melon-pan", um pão em formato de melão com uma casquinha crocante e massa sabor baunilha. Há também o pão de curry, recheado com batata, cenoura e frango. Para fechar, prove o bolo de chá verde, muito suave e com um aroma delicioso.

- Passeio da Manhã: ruas da Liberdade



Bairro da Liberdade. Foto: Cao Rimera / SPTuris

A Liberdade é um bairro muito interessante. Suas principais ruas possuem em sua decoração as tradicionais lanternas orientais e os letreiros de algumas lojas estão escritos em japonês e chinês. Passear por lá pode ser fantástico. Aproveite lojas e mercadinhos da cultura oriental, com comidas e produtos típicos, desde objetos de decoração, passando por utensílios para a cozinha, até CDs e DVDs de música, anime, mangás e games.

- Almoço: Lamen Kazu

De cozinha japonesa, Lamen Kazu é um restaurante especializado em lamen, tipo de macarrão oriental, que é importado sob refrigeração diretamente do Japão para proporcionar, no Brasil, o autêntico sabor japonês. O lamen é um prato de origem chinesa que se desenvolveu no Japão adaptando-se ao gosto dos japoneses e estabelecendo um estilo peculiar. Hoje é um prato popular bastante apreciado e que representa a culinária japonesa, assim como o sushi, sushiyaki e tempura.

- Passeio da tarde: templos budistas



Na Rua São Joaquim, fica localizado o templo budista japonês Bussuhinji, um local bellissimo, com arquitetura tradicional, feita em madeira e ornamentada com estátuas de buda, onde se busca resgatar a religiosidade e o contato com seu "eu interior". Para visitá-lo, é preciso tirar os sapatos. O turista também pode participar das cerimônias e rituais, que geralmente acontecem uma vez por mês.

Bairro da Liberdade. Foto: Cao Rimera / SPTuris

Disponível em: <<http://www.cidadedesao paulo.com/sp/br/roteiro-para-uma-semana/roteiro-semana-quarta-feira>> Acesso em set. 2017.

Figura 5 - Indicações de passeio Revista Viagem:

podem ser encontrados com a ajuda de aplicativos (como o Food Truck nas Ruas) ou parados no [Butantan Food Park](#).

O QUE FAZER

São Paulo apresenta o melhor conjunto de museus do país. [Masp](#), [Pinacoteca](#) e os museus [da Língua Portuguesa](#) e [do Futebol](#) são avaliados com cinco estrelas, classificação máxima do GUIA QUATRO RODAS. Mas as melhores novidades de 2014 vieram de atrações um pouco menos badaladas. O [Museu da Imigração](#), no bairro da Mooca, foi reaberto após longa reforma; e o [Museu da Imagem e do Som](#) viu o número de visitantes explodir com exposições sobre o cantor David Bowie e o programa Castelo Rá-Tim-Bum – o MIS recebe o prêmio de Atração do Ano no GUIA BRASIL 2015.

Para dias de sol, há ótimas opções ao ar livre, como o cinco estrelas [Parque do Ibirapuera](#), os passeios a pé pelo Centro (abaixo) e por regiões repletas de atrativos, como [Avenida Paulista](#), [Vila Madalena](#), [Liberdade](#) e [Bom Retiro](#), e os [roteiros de bike](#) – a cidade deve ganhar 400 km de ciclovias até o fim de 2016. Para aproveitar a programação cultural, consulte o site [catracalivre.com.br](#) e publicações semanais como a revista VEJA SÃO PAULO (vendida junto com a VEJA) e os encartes Guia da Folha (da Folha de S.Paulo) e Divirta-se (do Estado de S. Paulo), que saem às sextas.

Disponível em: <<http://viagemeturismo.abril.com.br/cidades/sao-paulo-4/>> Acesso em set. 2017.

Figura 6 – Guia da Liberdade produzido pela Publifolha em 2008:



Disponível em <<http://v.i.uol.com.br/image/guia-liberdade.jpg>> Acesso em set. 2017.

A Graffit Viagens e Turismo é uma agência de turismo em São Paulo, especializada em turismo receptivo que abrange as mais diversas formas de turismo: desde turismo religioso até o turismo ecológico, se adequando às necessidades do cliente, personalizando os roteiros. O principal produto são os circuitos temáticos, que acolhe os diversos públicos, com suas diversas temáticas, entre eles existem dois circuitos que envolvem o bairro da liberdade e a cultura nipo brasileira.

Figura 7 – Folder do Circuito “Arigatô São Paulo” da Graffit Viagens e Turismo



CIRCUITO: ARIGATÔ SÃO PAULO

Objetivo
Com o objetivo de mostrar a riqueza histórica, cultural e artística da cidade, ao público oriental, essa caminhada pela região central de São Paulo sintetiza as fases da história paulistana e as diversas nuances da maior metrópole da América Latina, elucidando nas reminiscências herdadas ao longo do tempo, fatos e curiosidades que constituiram o gigantismo de São Paulo em detrimento à cultura nipônica. A São Paulo vista sob a ótica de Tokyo! Uma homenagem aos mais de cem anos da Imigração Japonesa ao Brasil!!!

Sinopse
Partindo do Shopping Center Light (Edifício Alexandre Mackenzie) em direção ao Pátio do Colégio, berço da fundação da cidade, conheceremos as principais características das origens paulistanas, os caminhos e intenções que trouxeram seus fundadores ao Planalto de Piratininga, percorridos desde o período colonial, passando pelo império e chegando ao período áureo da imigração na cidade, do qual a colônia japonesa contribuiu sobremaneira para o desenvolvimento sócio-econômico paulistano. O passeio transportará os visitantes orientais ao passado, através da interpretação do guia acompanhante (especializado no idioma japonês), quando serão visualizadas as edificações representativas no processo cultural da cidade, contrapondo-se à realidade da Terra do Sol Nascente. A similaridade e a diferença de duas culturas distintas marcadas pela complexa distância entre ambas, serão amplamente abordadas, amparadas, entretanto pela forte empatia nipo-brasileira.

Pontos de Passagem:
Largo e Igreja de São Bento, Edifício Altino Arantes (Banepa), Largo do Café, Instituto Cultural Banco do Brasil, Pátio do Colégio, Casa da Marquesa de Santos; Conjunto Cultural da Caixa Econômica Federal, Catedral Metropolitana da Sé, Praça Dr. João Mendes, Praça da Liberdade.

R. Joaquim Távora, nº 128
Vila Mariana São Paulo-SP
CEP: 04015-010
Fone: 5549-9569
Fax: 5083-4056
graffit@graffit.com.br
www.graffit.com.br

Disponível em: <<http://www.graffit.com.br/images/folderes/japaoarigato.jpg>> Acesso em set.

2017.

Figura 8 – Folder do Circuito “Memórias do Japão” da Graffit Viagens e Turismo



Objetivo

Este circuito tem como objetivo mergulhar no mundo oriental e destacar a cultura japonesa que se instalou na cidade de São Paulo; sendo a maior cidade com moradores japoneses fora do Japão. São Paulo sofreu uma grande influência desse povo com culturas e costumes milenares e, através deste circuito iremos inseri-los nesse contexto.

Sinopse

A cultura do povo oriental é muito rica e muito peculiar, principalmente a dos japoneses, da qual herdamos uma forte influência, presente em nossa gastronomia, costumes e eventos. Esse circuito pretende mostrar os principais pontos da cultura japonesa em São Paulo, contando sua história, desde a chegada dos imigrantes, e passando pelo tradicional bairro da Liberdade, reduto japonês na cidade. Ressaltando a importância dos japoneses na nossa economia através da Câmara do Comércio de Indústrias Japonesas no Brasil e do Consulado Geral do Japão. Mostrando a maneira de ser do seu povo, em suas associações culturais, suas publicações periódicas, e atentando para a sua belíssima arte através das famosas obras de Tomie Othake e Rui Othake. Destacaremos também a sua culinária, que hoje em dia, é uma das mais consumidas da cidade, dada a sua variedade e autenticidade.

Venha você também desvendar os mistérios do oriente milenar... sem sair de São Paulo.

Pontos de Passagem:

Bairro da Liberdade: Torii, Rua da Glória, Consulado Geral do Japão, Câmara de Comércio e Indústria Japonesa no Brasil, Avenida Paulista: Banco de Tokyo, Banco Sumitomo Brasileiro, Ibirapuera: Hotel Matsubara, Pavilhão Japonês do Parque Ibirapuera, Escultura: 4 Ondas Jardins: Instituto Tomie Othake.

Pontos de Parada:

Instituto Tomie Othake e Parque do Ibirapuera.

R. Joaquim Távora, nº 128
Vila Mariana São Paulo-SP
CEP: 04015-010

Fone: 5549-9569
Fax: 5083-4056

graffit@graffit.com.br
www.graffit.com.br

Disponível em: <<http://www.graffit.com.br/images/folderes/memorias.jpg>> Acesso jan. 2017.

POPULARIZAÇÃO DA CULTURA NIPÔNICA E APROPRIAÇÃO CULTURAL

A ocupação do bairro pelos imigrantes japoneses fez surgir uma vocação turística que só se materializou com o planejamento e ação do poder público, ou seja, o bairro da Liberdade como conhecemos atualmente é resultado dessa confluência de fatores, no entanto, a popularização do bairro da Liberdade e da cultura nipônica só se concretizou em meados dos anos 1990, pois até então, até mesma a comida japonesa tão consumida hoje – segundo dados de 2013 da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes de São Paulo (Abrasel-SP), a cidade tem 600 restaurantes japoneses contra 500 churrascarias, consolidando-se como a capital do sushi – era considerada exótica e restrita à comunidade japonesa e alguns curiosos, no entanto, essa difusão da culinária

japonesa ocorreu à custa da sua apropriação cultural pelo comércio e já não possui nenhum vínculo com a cultura nipo-brasileira, há um reducionismo do que se entende de comida japonesa, restringindo-a a alguns itens e os restaurantes possuem algumas poucas referências decorativas do que se entende como Japão, mas nem isso se faz necessário.

O que é chamado de comida típica japonesa e é servido na grande maioria desses estabelecimentos, em grande parte na forma de rodízio, se resume ao sashimi (tiras de peixe cru) e ao sushi (bolinho de arroz combinado/envolto com alga, peixe, ambos ou outros ingredientes) nos seus mais diversos formatos. No Japão e na comunidade nipo-brasileira trata-se de uma comida para ocasiões especiais como aniversários e casamentos e não uma comida do cotidiano, como muitas vezes é divulgado.

A produção e o consumo do que pode ser considerado turístico evolui também a criação e o consumo simbólico da imagem dos espaços e atrativos turísticos, pois “[...] o espaço do turismo e do lazer são espaços visuais, presos ao mundo das imagens que impõem a redução e o simulacro” (CARLOS, 1999). Sendo assim, a criação da simbologia de uma comida que criada para representar como tipicamente japonesa se encaixa nessa análise, pois se trata da transformação de um bem cultural em uma mercadoria descolada de seu contexto histórico para se capitalizar simbolicamente, como mostra a reportagem abaixo de 2004:

GASTRONOMIA

Sushis com cream-cheese, maionese, frutas, entre outros ingredientes, iniciam paulistanos na culinária nipônica. "Modernidades" ajudam a popularizar cozinha japonêsa.

A cada semana, a escolha por um restaurante japonês em São Paulo está mais difícil. Além do grande número de casas – estima-se que já existam mais de 300 –, a opção entre os tradicionais e modernos também se torna um dilema. Não há dados estatísticos a respeito, mas os especialistas admitem que são inauguradas muito mais casas modernas que tradicionais na cidade.

Com proposta diversa à dos restaurantes tradicionais – que surgiram com o objetivo de matar a saudade dos imigrantes do Japão, reproduzindo fielmente cardápios e decoração –, os chamados modernos preocupam-se em oferecer ao cliente não só a culinária

japonesa, mas uma opção mais ampla de lazer, especialmente para o público jovem.

Assim, muitas casas adotaram modismos criados pelos norte-americanos, como sushis com cream-cheese, Tabasco, frutas, maionese e os "hot rolls" (sushis empanados), bastante apreciados por adolescentes, mas que costumam causar arrepios nos críticos gastronômicos.

"Talvez os mais puristas critiquem essas alternativas não-ortodoxas de produtos, mas evoluir e incorporar conceitos de diferentes culturas faz parte da natureza humana", defende Marcelo Beraldo, sócio do Jam Warehouse.

Realmente, até na típica cozinha japonesa é comum o intercâmbio com outras culinárias. Acredita-se que até o tradicional tempura seja resultado da influência da presença portuguesa no Japão.

A grande questão, no entanto, é que nem sempre tais criações buscam a realização do paladar do cliente, mas sim atrair um público que não aprendeu a apreciar essa culinária regada a algas e peixe cru.

"Foge muito da proposta original, mas o pior é que são ruins", afirma Josimar Melo, crítico da Folha. "Se um sushiman inventa um sushi diferente e é muito bom, então ele não é clássico, mas tem méritos por ser inventivo. Mas, se encobre o gosto do peixe e deixa enjoativo, não tem mérito nenhum", diz.

Qualidade

Em meio a uma maioria de casas que se encaixa neste perfil, há outras que criam e oferecem qualidade. O restaurante Jun Sakamoto é moderno (serve sushi com confit de pato, por exemplo) e está entre os melhores da cidade.

O sushi com foie gras do By Adriano Kanashiro também faz grande sucesso. Ambas as casas oferecem produtos de qualidade e mantêm o foco em uma gastronomia mais elaborada.

Apesar da polêmica, o público não se importa e tem aproveitado a oportunidade para comer a cada dia mais sushi, que hoje é um dos pratos mais consumidos da cidade – estima-se que se venda mais de 10 milhões por mês.

"Os restaurantes modernos têm apresentado a comida japonesa a um público que não comia nada cru e que, aos poucos, vem vencendo essa barreira", explica Beraldo, do Jam. E, mesmo os apreciadores da cozinha tradicional, como a assessora cultural da Fundação Japão Mitiko Okano, têm sido atraídos para as novidades. "Vou por

curiosidade e acho essas criações interessantes, pois resultam em uma culinária que é só nossa", conta ela.

Nessa nova onda, resta aos tradicionais (a maioria localizada no bairro da Liberdade) se adaptar. Muitos estão buscando aperfeiçoar seu atendimento (antes feito somente em japonês) e sua cozinha, incorporando algumas inovações, preços mais em conta e até o sistema de rodízio, por exemplo, como aconteceu com a filial do restaurante Sushi Yassu.

Tsuyoshi Murakami, chef e proprietário do restaurante Kinoshita, é um dos poucos que não cedem aos modismos. "Tem mercado para todo mundo, mas acho que em primeiro lugar está o sabor, o gosto, a densidade e o brilho da comida", afirma.

BASTOS, Giuliana. Ilustrada/Guia da Folha. Folha de S. Paulo, São Paulo, 22 ago. 2004.
Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2208200420.htm>>. Acesso em: set. 2017.

A MAQUINARIA DAS FÉRIAS

Jost Krippendorf em sua obra Sociologia do Turismo, afirma que o ser humano vive entre necessidades contraditórias, como esforço-repouso, liberdade-obrigações, trabalho-descanso e encontrar o próprio equilíbrio é dominar a vida, no entanto, na sociedade industrial, as cidades não são planejadas para o relaxamento e o lazer e em consequência disso, a atividade do turismo se faz necessária para que as pessoas consigam suportar os 11 meses de trabalho por ano. As pessoas trabalham pelas férias e as férias permite que as pessoas suportem o trabalho.

As férias, os momentos de lazer, tornam-se um momento de extravasamento com motivação egocêntrica, o comportamento desse turista é agressivo, abusivo e colonialista. A sensação de liberdade, faz com que o turista não respeite determinadas normas e pouco importa a reprovação alheia, já que ele é um consumidor e pagou por este momento. Não há boas maneiras.

No turismo há um anseio pela confirmação da ideia que foi formada pelas imagens pré-fabricadas pela publicidade e pouco importa se são clichês e não correspondam a realidade, apenas há o desejo que essas expectativas criadas sejam confirmadas, fazendo surgir as localidades turísticas que não passam de

meros cenários artificiais e tudo que é estranho ao cotidiano do turista é mostrado em doses pequenas e selecionadas para que seja reduzido ao pitoresco.

O encontro dos turistas e excursionistas com a população autóctone não são favoráveis para a troca cultural, já que a liberdade e o prazer de um correspondem diretamente ao trabalho do outro. A massificação das viagens, que organiza racionalmente e padronizam os passeios, impedem que exista qualquer relação calorosa e intelectual, apenas contatos superficiais com uma educação estéril. É exigido dos autóctones uma permanente disponibilidade, gentileza, atenção e alegria, que os deixa sobrecarregados e esse desgaste aparece em algum momento. Muitas vezes populações visitadas não sentem a necessidade de contato com o visitante, tornam-se agressivas ou desejam o isolamento.

Espaços destinados à visitação não incluem os moradores locais por alguns motivos, entre eles uma renda incompatível, são indesejáveis ou até mesmo proibidos. Há uma política de segregação e jamais de integração, existe o lugar onde o autóctone tem a permissão de frequentar – o bar da vila – e há o lugar produzido para o turista/visitante.

Quando se trata de um turismo “exótico” a possibilidade de ocorrer uma troca intercultural é ainda menor, para que haja um encontro verdadeiro é preciso que exista pelo menos um ponto em comum entre dois seres. Se não existe nada que os aproxime, quando os papéis são distintos, não haverá base para um diálogo, porque além da cultura fundamentalmente distinta, há também a diferença de classe social. O que supostamente deveria ser um encontro, se torna a “síndrome do zoológico”, onde o autóctone se torna um espetáculo e tema para fotografias, além de suas funções servisais: vendedores, dançarinos, cozinheiro, entre outros.

O turista, o visitante não se desloca para conhecer um país, um lugar e seus habitantes, trata-se de um passante que não observa absolutamente nada, apenas procura a confirmação de uma opinião já formada sobre este lugar e essas pessoas e dessa forma não consegue resistir ao etnocentrismo, a sua superioridade cultural.

“Os turistas são os inimigos mais perigosos que existem, porque eles nos são indispensáveis. Por diversas razões não podemos reservá-lhes a mesma sorte dos inimigos de antigamente, que simplesmente matávamos, mas podemos permanecer mudos”. (trecho de um texto grego sobre o turismo de Creta)

RESIDENTES COMO RESISTÊNCIA AO SIMULACRO

Os residentes do bairro da Liberdade, assim como de qualquer área turística, participam de forma involuntária no processo de produção e consumo do espaço turístico, pois compartilham o uso da infraestrutura e dos atrativos do bairro. Esse residente acaba se constituindo como uma condição para a efetivação das práticas sócio-espaciais do turismo, visto que até mesmo ações de resistência à normatização do espaço para o turismo podem contribuir para atividade.

Os residentes podem participar da produção do espaço turístico de formas distintas: passivamente, quando aceitam as determinações dos agentes turísticos hegemônicos (Estado e o mercado) e, de forma omissa, compactuam com a racionalidade dos atores que imprimem a lógica que deve pautar a produção da destinação turística, ou ativamente, quando se manifesta através dos movimentos sociais e como cidadãos que cobram e exigem seus direitos. (SILVA, 2009).

Segundo Carlos (2007) “A história do indivíduo é aquela que produziu o espaço e que a ele se imbrica por isso que ela pode ser apropriada. Mas é também uma história contraditória de poder e de lutas, de resistências compostas por pequenas formas de apropriação”.

A partir dessa afirmação, pode-se concluir que a forma tão particular como cada indivíduo vive e ocupa um determinado lugar/espaço, cria um conjunto de afetos que relacionam entre si e se manifestam no cotidiano e conseqüentemente no espaço vivido, como por exemplo, as manifestações culturais e religiosas.

Pequenos movimentos que giram em torno de questões pontuais como a exigência de manutenção de uma praça, melhoria da iluminação pública

mostram que as relações sociais possuem uma estratégia e dinâmica própria e nem sempre estão engessadas numa simples imposição do Estado ou mercado, assim como as manifestações religiosas e culturais, pois são elementos que constroem identidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. “O consumo do espaço”. In: CARLOS, Ana Fani A. (org.). Novos caminhos da Geografia. São Paulo: Contexto, 1999, pp. 173-186.

_____. O lugar no/do mundo. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O Turismo e a produção do não-lugar. In: SOUSA, Célia, Pesavento, Sandra,(org) Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano, Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1996.

CRUZ, R.C.A. Introdução à geografia do turismo. São Paulo: Roca, 2001.

GUIMARÃES, Lais de Barros Monteiro. Liberdade, história dos bairros de São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1979.

HARVEY, David. A Arte como renda: globalização e transformação da cultura em commodities. In: Desígnio: Revista de Arquitetura e do Urbanismo. São Paulo: Annablume, 2005 – n. 4 setembro de 2005a.

KRIPPENDORF, Jost. Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2000.

PAIVA, Ricardo Alexandre e VARGAS, Heliana Comim. OS AGENTES PRODUTORES E CONSUMIDORES DO “ESPAÇO TURÍSTICO”. III Colóquio [Inter]nacional sobre comércio e cidade: uma relação de origem

RODRIGUES, A. B. Uma abordagem geográfica do espaço do turismo. CORIOLANO, L.N.M.T (org.) Turismo com ética. Fortaleza: UECE, 1998, pp.76-99.

SILVA, Carlos Henrique Costa. O Turismo e a Produção do Espaço: Perfil Geográfico de uma Prática Socioespacial. Geografia Ensino & Pesquisa, vol. 16, n. 2, maio/ ago. 2012.

SILVA, K.M. ; FONSECA, M. A. P. ; ALVES, A. E. L. . O papel do residente na produção do espaço turístico em Natal. CULTUR - Revista de Cultura e Turismo, v. 3, p. 104-121, 2009.

YAZIGI, Eduardo. A alma do lugar. São Paulo: Contexto, 1999.

_____ et al (orgs.). Turismo, espaço paisagem e cultura. São Paulo: Hucitec, 1996.

Sites:

Prefeitura do Município de São Paulo

Disponível em:

<http://www.cultura.sp.gov.br/StaticFiles/SEC/Condephaat/Bens%20Tombados/3_regioes_subprefeituras_e_distritos_2009_8.pdf> Acesso em: jan. 2017.

ABF – Associação Brasileira de Franchising

Disponível em:

<<http://www.abf.com.br/sao-paulo-tem-mais-restaurantes-japoneses-que-churrascarias/>> Acesso em: jan. 2017.

Graffit Viagens e Turismo

Disponível em: <<http://www.graffit.com.br/>> Acesso em jan. 2017.

Site Oficial de Turismo da Cidade de São Paulo

Disponível em:

<<http://www.cidadedesapaulo.com/sp/br/roteiro-para-uma-semana/roteiro-semana-quarta-feira>> Acesso em jan. 2017.

Revista Viagem

Disponível em:

<<http://viagemeturismo.abril.com.br/cidades/sao-paulo-4/>> Acesso em jan. 2017.

São Paulo para iniciantes

Disponível em:

<<http://saopauloparainiciantes.com.br/2009/12/mapa-do-bairro-liberdade-2.html>> Acesso em jan. 2017.

Jornal:

BASTOS, Giuliana. Ilustrada/Guia da Folha. Folha de S. Paulo, São Paulo, 22 ago. 2004. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2208200420.htm>>. Acesso em: jan. 2017.